



A FRUSTRAÇÃO COMO OPERAÇÃO CONSTITUTIVA

Sthefan Krinski¹, ANDREA GABRIELA FERRARI²,

UFRGS
PROPESQ

XXV SIC
Salão Iniciação Científica

CH - Ciências Humanas

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado “Sintoma da criança, atualização do infantil parental?”. O trabalho a ser apresentado refere-se a uma discussão teórica sobre o conceito de frustração entendido como uma das operações centrais, ao lado da privação e da castração, para se pensar nas relações do sujeito com os objetos. Para se compreender esse conceito, foram explorados alguns textos freudianos e lacanianos e algumas referências antropológicas a respeito do dom que auxiliaram na compreensão de como Lacan concebia a dinâmica da frustração.

FREUD E AS RELAÇÕES DE OBJETO

Ao tratar do objeto, Freud (1914/1990, 1915/1990) foca na visão econômica do aparelho psíquico, trazendo à luz a ideia da busca objetual enquadrada no manejo dos investimentos próprios da pulsão, comumente definida como “a fronteira entre o psíquico e o somático” (Freud, 1914), tendo como características fundamentais pressão, fonte, meta e objeto. Ressalta-se a importância desses dois últimos aspectos: a meta é universal, sendo esta sempre a satisfação, que deve ser entendida como uma questão quantitativa na medida em que é alcançada pela diminuição da tensão psíquica. Já o objeto é tomado em relação e a partir da manifestação de suas pulsões, procurando alcançar suas metas. Este, o objeto, se caracteriza como o elemento mais variável daquelas, sendo que o mesmo objeto pode servir para a meta de satisfação de diversas pulsões.

ADENDO DE LACAN

Lacan (1956) postula que o acionamento do pulsional no infans é um processo inconcebível sem o Outro. A mãe, representando o Outro primordial, apresentará ao bebê, em seus primeiros momentos de vida, seus futuros objetos de investimento. Este fenômeno vai acionar no infante uma inicial noção de alteridade. Lacan (1956) retoma as relações de objeto também por outra via que não a das pulsões, apontando para importância da noção da falta de objeto como central da constituição do sujeito psíquico, posto que seja através dessas operações, a saber, a frustração, privação e castração, que se esboçam as relações com o mundo e a inserção do sujeito na cultura.

FRUSTRAÇÃO COMO OPERAÇÃO CONSTITUTIVA

A mãe é o agente da frustração, sendo que é através das primeiras evocações que a criança dirige a ela, que esta é inserida no jogo simbólico do apelo, e então passa a se fazer presente-ausente, visto que a vocalização presentifica a falta real do objeto com sua presença simbólica. A virada essencial dessa situação se dá justamente quando, ao apelo do sujeito, ela não responde mais, inscrevendo a frustração enquanto falta imaginária. Quando o agente simbólico não mais responde ao apelo da criança, ele decai: a mãe torna-se uma potência real. Ocorre a inversão de posições: a mãe decai da estruturação simbólica, que a fazia presente-ausente, e torna-se uma potência real; ao passo que o objeto, antes puramente de satisfação, torna-se simbólico na medida em que fica passível do dom.

DOM

O dom foi pensado por Lacan a partir de estudos antropológicos de Mauss (1925). Podemos pensar nele como o mais-além do objeto real que virá acoplado a este graças à função materna. Nessa doação, vai se estabelecer um vínculo intersubjetivo mãe-bebê, onde o infante se verá impelido a retribuir de modo à assujeitar-se ao desejo desse Outro primordial. Retomando o momento de virada que acontece durante a frustração, o agente, até então presente-ausente, deixa de responder e se torna potência real, e é dela que depende o acesso dos objetos para a criança. Com essa mudança, o bebê busca uma dupla satisfação: agora o objeto satisfaz a necessidade, mas também traz as marcas da potência materna, a saber, o dom, signo do amor que pode ou não responder ao apelo. O que se manifesta é um enlaçamento entre os registros, em que o objeto real de satisfação torna-se parte do objeto simbólico do amor que frustra.

DESFECHO

Mostra-se necessário observar que o que impulsiona o desenvolvimento do sujeito, principalmente em estádios primordiais, não seria o objeto em si, mas sua falta, levando a um dos aforismos de Lacan: ‘a falta é a mola propulsora do sujeito’ (1956). Ressaltando essa importância, consta no pensamento de Lacan que a falta vai se manifestar em três operações indispensáveis para a constituição do sujeito psíquico.

REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Lacan, J. (1956-57). O seminário – livro 4: a relação de objeto. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- Godelier, Maurice. (2001). O Enigma do Dom. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XII.



MODALIDADE DE BOLSA

1 – Bolsista Voluntário
2 – Professora Orientadora